

# Ulisses entre a selva e os vitorianos: Antonio Callado e James Joyce

**Albert von Brunn**

**E**m *O Evangelho segundo Marcos*<sup>1</sup> Borges narra a viagem de um jovem estudante de medicina rumo ao sul, até uma pequena fazenda do interior. Uma vez chegado lá, ele fica a sós com a família do capataz, pessoas silenciosas e anal-fabetas. Uma enchente rompe o contato com o resto do mundo e, para passar o tempo, o jovem lê trechos de uma velha bíblia para seus anfitriões. Ao reler sempre o mesmo texto – o Evangelho segundo S. Marcos – ocorre-lhe de repente uma idéia: “os homens, ao longo do tempo, têm repetido sempre duas histórias: a de um barco perdido que procura pelos mares mediterrâneos uma ilha amada e a de um deus que se faz crucificar no Gólgata” – o Ulisses grego e o Cristo judeu, as duas matrizes da cultura ocidental. James Joyce era perfeitamente consciente da persistência destas duas matrizes na nossa cultura. Para contar de novo, recriar, vivificar o Ulisses grego e o Cristo judeu ele os colocou num espelho côncavo. O herói grego vira Leopold Bloom, corretor de bolsa em peregrinação pela Dublin do começo do século e temos o *Ulysses*. O pedreiro Tim Finnegan cai da escada, morre e renasce transformado em Senhor Todos Nós e temos o *Finnegans Wake*<sup>2</sup>.

Antônio Callado era um grande admirador e leitor incansável de James Joyce desde a sua estadia em Londres (1940-44) onde trabalhou como correspondente de guerra no Serviço Latino-Americano da BBC. Após o *Ulysses* e uma leitura aproximada do *Finnegans Wake* – a grande revelação literária de então – Callado decidiu partir em romaria para Dublin onde fez o clássico percurso das tavernas – o David Byrnes, o Guinness – cruzou o rio Liffey na velha ponte de ferro e foi até ao castelo – Dublin Castle, o centro do poder imperial nos tempos de James Joyce<sup>3</sup>. Com certeza também foi ao Phoenix Park, cenário de um célebre assassinio político ocorrido em 1882. O nascimento de Joyce coincidiu com um novo ciclo da história

irlandesa – a luta pela independência nacional, desencadeada por um crime misterioso onde se misturavam política, orgulho nacional e homicídios<sup>4</sup>. Esta coincidência não deixará indiferente o então jornalista carioca que trabalhava em Londres, pronto para voltar ao Brasil – oprimido pela ditadura do Estado Novo – e empreender uma carreira literária.

Muitos anos mais tarde, ao escrever o seu último romance, *Memórias de Aldenham House*<sup>5</sup>, Antonio Callado ia se lembrar daquele encontro virtual com o escritor irlandês em Dublin. Gênero híbrido, um misto de romance histórico e romance policial com referências autobiográficas, estas *Memórias* giram também em redor de um crime misterioso, o suposto assassinio de um velho inglês no lago de Aldenham House, sede da BBC. Mas, as semelhanças não param aí. Se, para Joyce, ser irlandês significava exílio – voluntário ou não, para Callado ser brasileiro é viajar: assim, este último romance começa com uma longa viagem do brasileiro Perseu e do paraguaio Facundo desde o Rio de Janeiro até Londres passando por cima de um Atlântico infestado de torpedos.

### *A odisséia do Don Juan infeliz*

Perseu Blake de Souza tentou pôr um mínimo de ordem nos seus pensamentos. O Pão de Açúcar, que ele jamais tinha visto assim tão de perto, ficava, à medida que o navio se aproximava dele, mais malévolo, hostil (...). Cá estou, no limiar de uma peregrinação absurda, me afastando da minha vida e da minha noiva (...). Visto pelo outro lado, pelo lado de fora da baía de Guanabara, o Pão de Açúcar, enorme, ameaçador, parecia a própria cabeçorra de Getúlio Vargas (...) um Vargas que mal continha o riso com que dizia adeus a Perseu, com que lhe desejava boa viagem, bom exílio<sup>6</sup>.

O ponto de partida é a tríade homérica, composta de Ulisses, Penélope e Telêmaco, respectivamente: Roberto Blake de Souza, pai fujão que abandona a mulher para viver na Inglaterra, Cordélia – esposa frustrada que corre à agência da *Western Telegraph* para mendigar notícias – e Perseu, o filho revoltado consigo mesmo e com o pai. Este filho é colocado como um fardo num navio da Mala Real Inglesa e mandado de presente a papai. A viagem europeia era, no século XIX, uma das heranças inevitáveis do colonialismo: para formar-se uma idéia cabal de sua posição no mundo, o habitante das ex-colônias tinha que interiorizar o ponto de vista do colonizador e se situar perante a Europa numa relação de súdito a corte: o uso das palavras, a entonação, a maneira de vestir – tudo revelava nele a vontade de aprender desde uma posição de inferioridade. Esta viagem europeia era um rito de iniciação coroado pela volta ao lar: o retorno equivalia a um triunfo social e à conquista de uma posição social privilegiada<sup>7</sup>.

Perseu, o Ulisses colonial, começa sua viagem européia seguindo este padrão clássico: encarcerado por Vargas, ele é colocado pelo pai num navio inglês, um Telêmaco dominado pela vontade do pai, o qual – desde Londres – manobra obscuros pistolões para tirar o filho da cadeia. Tradicionalmente, os viajantes coloniais passavam por uma série de provas de iniciação. A primeira delas era a chamada – a vocação européia anunciada pela avó. Seguiam a viagem, o banho lustral, a adoração das relíquias da arte européia e o retorno triunfal ao lar<sup>8</sup>.

No caso de Perseu, toda esta tradição é passada por um filtro irônico: a chamada é uma visita da mãe e da noiva na prisão, a iniciação uns turnos de vigia num navio em noites glaciais. A adoração das relíquias é a contemplação de uma infanta espanhola pintada por Rubens e escondida no porão de um casarão inglês. O banho lustral no lago de Aldenham House revela um cadáver. Finalmente, em vez da consagração, o Ulisses colonial volta à sua Itaca-patinho-feio: é o catre da Polícia do Exército no Rio de Janeiro.

Perseu tem muito pouca sorte com as mulheres: depois de um breve caso, é abandonado pela inglesa Judy. Namorado desastrado, é recusado pela chilena Elvira e se consola com a noiva Maria da Penha que vem do Rio só para traí-lo no final.

Na *Têlemaquia*, o filho de Ulisses abandonava uma ilha dominada pelos usurpadores atrás de um pai errando pelo mundo. Na epopéia grega, a viagem de Telêmaco tinha uma finalidade bem precisa: encontrar o pai e voltar para casa. Perseu – como os heróis de Joyce – viaja a esmo, abandonado pelas mulheres. Sua viagem é inútil. Só lhe resta um único meio para não sucumbir: a escrita. Perseu escreverá a história do outro, do paraguaio Facundo Rodríguez.

### *O Paraguai no tribunal*

No más que lunamento, lagrimartes  
Mierconieve, juevorrer  
Inviernes, sabador  
Hasta el terror de la Ley<sup>9</sup>

A bordo do navio inglês que o levará a Londres, Perseu conhece um casal, ele paraguaio, ela inglesa – ambos a caminho da BBC – Facundo e Isobel. Facundo é o arquétipo do revolucionário – “a silhueta, de ombros largos, o ar sombrio e romântico” – e acaba de conquistar com um só olhar Isobel, professora de inglês em Assunção. Exilado pela ditadura paraguaia, Facundo embarca com Perseu. Mas a sua postura frente à Inglaterra é radicalmente diferente do comodismo do brasileiro: Facundo subverte tudo o que é inglês. Logo de início, ele pretende obter do capitão – um escocês vigoroso – a secessão da Escócia em plena guerra mundial. Uma vez chegado a Aldenham House, Facundo desencadeia a sua guerra particular contra

Herbert Baker, o conselheiro político do Serviço-Latinoamericano, um velho diplomata, fraco de saúde e *empire-builder* frustrado. Um belo dia, Baker é encontrado morto, boiando no lago, cabeça na água. Facundo é o único suspeito. Começa então o espetáculo da justiça inglesa cujo sombrio protagonista é o carrasco. No romance de Callado, esta fúnebre personagem – Albert Pierrepoint – é apenas evocada numa crônica: homem lhano e dotado de grande senso de humor, ele só se lembra de um caso difícil – um estrangeiro que recusava a lei inglesa e foi enforcado sentado numa cadeira<sup>10</sup>. E Facundo? É como se ele tivesse lido James Joyce, um ensaio chamado *A Irlanda no tribunal*<sup>11</sup>. Nesta crônica Joyce evoca um caso de justiça excepcional: num lugar afastado da Irlanda chamado Maamtrasna cinco pessoas foram vítimas de um homicídio atroz. O principal suspeito era um velho de setenta anos que não falava uma palavra de inglês. O interrogatório feito por intermédio de um intérprete oscilava entre o trágico e o cômico. Uma vez terminado o processo, o velho foi condenado à forca. O carrasco, incapaz de se comunicar com a vítima, teria empurrado a cabeça do infeliz no cadafalso: “A figura deste ancião atordoado, último sobrevivente de uma civilização que não é a nossa, surdo-mudo diante do seu juiz” – conclui Joyce – “é o símbolo mesmo da nação irlandesa no tribunal da opinião pública, incapaz de apelar para a consciência moderna na Inglaterra e no mundo”.

Eis, exatamente, a situação de Facundo. Ele bem que fala inglês. Mas, durante a sessão preliminar da justiça britânica finge desconhecer a língua do país e só fala espanhol. Isobel tem que traduzir. Além disto, Facundo é descrito como “índio do Altiplano”<sup>12</sup>, a cabeça “emergindo da fenda do poncho quase como se estivesse decapada”<sup>13</sup>. Ele parece predestinado a morrer na forca como o velho irlandês. Mas isto não acontecerá. A justiça inglesa, apoiada em perícia médica, prova que o falecido Herbert Baker morreu de angina pectoris. Em vez de ser executado como herói-mártir e vítima da injustiça inglesa, Facundo tem que pagar uma multa de setenta libras e morre numa anônima masmorra paraguaia.

Em sua crônica sobre os crimes de Maamtrasna, Joyce se refere à língua como assunto de vida ou morte: falar a língua errada ou contar uma história equivocada poderia acarretar conseqüências fatais. Mas não é só isso. Não se trata apenas de falar gaulês ou espanhol em vez do inglês. A história de povos inteiros sai desfigurada na historiografia oficial de uma potência dominadora: “A tomarmos os países do mundo um a um, isoladamente, qual deles seria o maior culpado pela civilização moderna, se devêssemos encarar a civilização moderna como um crime? A Inglaterra sem dúvida (...). O repúdio a isto que vemos aí, à civilização que nos envolve, é em grande parte um repúdio ao Império Britânico”<sup>14</sup>. Esta meditação feita por Antonio Callado em 1953 assume no último romance conotações novas: a culpa já não recai somente sobre o Império Britânico. Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), o próprio Brasil se deixou cooptar pela Grã Bretanha no seu afã de arrasar o Paraguai. No romance há um símbolo recorrente para lembrar esta velha culpa:

trata-se de um roupão vermelho com alamares de ouro, roubado pelas tropas brasileiras no palácio presidencial durante o saque de Assunção (1869)<sup>15</sup>. Este roupão – preservado no Museu Histórico do Rio – simboliza o pesadelo da história. Antes de voltar para casa, Facundo esbarra nele numa feira livre em Paris: “o que queria, o que implorava sem saber a quem, era que lhe despisse dos ombros aquele roupão para ele acordar, de uma vez por todas, do pesadelo em que vivia se debatendo”<sup>16</sup>.

O terror da história é, no fundo, um medo da morte, não apenas física ou individual, mas a morte dos sonhos, amores e esperanças de toda uma vida. James Joyce considerava a Irlanda um país marcado pela fatalidade da história<sup>17</sup>. Morrer pela pátria como sacrifício pessoal é uma obsessão que atravessa o *Ulysses* de ponta a ponta. Para Antonio Callado, os revolucionários da América Latina em vez de viverem para a revolução, só sabem morrer por ela.

### *James Joyce: a voz do profeta*

“Elvira tem a convicção de que o destino da Irlanda é tão caótico e atormentado quanto o da América Latina”, responde Antonio Callado à pergunta sobre a incidência de Joyce no seu último romance<sup>18</sup>. “E ela encontra o escritor que parece exprimir o inexprimível do caráter irlandês (...). Tudo vem do fato de que Elvira considera a história da Irlanda o Antigo Testamento e a história da América Latina o Novo Testamento, uma repetição de histórias. James Joyce é o profeta, neste caso”.

Elvira O’Callaghan Balmaceda, suculenta chilena de enxerto irlandês, é a porta-voz de James Joyce no romance: a sua idéia é que o *Finnegans Wake* escrito por um homem praticamente cego é pura voz, puro som e portanto foi escrito para a rádio<sup>19</sup>. Ela procura traduzir o último livro do escritor irlandês para o espanhol e transformá-lo depois num espetáculo radiofônico. O projeto está fadado ao fracasso. No entanto, o livro contém uma série de frases joyceanas em inglês, quase todas tiradas do *Finnegans Wake* e apenas duas do *Ulysses*. A maioria das citações se refere ao Don Juan infeliz – Perseu – cuja corte Elvira recusa por achá-lo muito frívolo: Assim, os dois primeiros fragmentos – *In and near the ciudad de Buellas Aires* e *He was the killingest ladykiller* – aludem a Rafael Alberoni, rival de Perseu. Ao chegar Maria da Penha, Elvira lança o seu *Anna, Livia, Plurabelle*, um desafio à dominação masculina. No *Finnegans Wake* Anna Livia é a mulher do herói Timóteo Finnegan. Ela lava as roupas sujas do marido e se transforma, assim fazendo, no próprio Rio Liffey que banha Dublin. No romance de Antonio Callado, a invocação joyceana de Anna Livia antecipa o destino de Maria da Penha, noiva de Perseu. No Brasil, (*Anna was*) Maria da Penha era a noiva exemplar que aguardava o casamento com véu e grinalda. Na Inglaterra, (*Livia is*) ela deixa para trás o papel da noiva casadeira e vive com Perseu um amor livre e apaixonado. No futuro (*Plurabella’s to be*) ela será lésbica e viverá com Elvira no Chile. O ro-

mance acaba com uma enumeração de 29 nomes de mulheres, todas elas inacessíveis para o Don Juan infeliz.

Tanto em Joyce como em Callado, há uma crise do masculino: o pai de Perseu foge de casa, abandona a família e cai no ridículo. Do pai de Facundo, nada se sabe, ele fala somente dos seus heróis. Os dois protagonistas masculinos do romance – Facundo e Perseu – nunca terão filhos. No *Ulysses* de James Joyce, o pesadelo da história é constantemente vinculado à esterilidade sexual. Expressão desta crise é Anna Livia que subverte os esforços masculinos para controlar a linguagem e, com ela, a história. A insistência de Don Juan em dominar a mulher é constantemente anulada pela resistência feminina: “Está ocorrendo, sem que o óbito tenha um dia estabelecido, registrado, o meio século da morte de Don Juan”, comenta Antonio Callado em 1995<sup>20</sup>. “Por volta de 1950 ele foi varrido da face da Terra pela pílula anticoncepcional de uma certa Margaret Sanger, enfermeira, médica (...). Resta-nos um derradeiro, o eterno mito do homem de la Mancha”.

Efetivamente nas *Memórias*, o único que se salva das chacotas de Elvira é Facundo Rodríguez, o quixote da revolução paraguaia. As citações joyceanas que lhe dizem respeito são de teor trágico em vez de ridículo. Os dois protagonistas do romance falham nos seus propósitos. Mas ao passo que Perseu – o amante desastrado – é ridiculizado por Elvira, Facundo merece respeito. Finalmente, a própria Isobel – mulher de Facundo – parece tirada do *Finnegans Wake*<sup>21</sup>: “sister Isobel (...) the beautiful Samaritan (...) nurse Saintette Isabelle”<sup>22</sup>.

James Joyce – pura voz e vidente cego – vaticina no romance o fim de Don Juan. As duas histórias – a irlandesa e a latino-americana – se enlaçam como uma serpente que morde sua própria cauda num abraço estéril.

\* \* \*

Antonio Callado – peregrino da história brasileira contemporânea – nos oferece em suas *Memórias de Aldenham House* uma espécie de testamento. Romancista político por excelência, ele se encontra nesta última viagem com James Joyce no limiar entre dois continentes para um balanço do século XX, onde o tema da viagem se associa à preocupação com a história e à vida política dos povos.

No início do século XX, Leopoldo Bloom, protagonista do *Ulysses* personificava a odisséia do passado e prenunciava as do futuro<sup>23</sup>: “A conquista do globo terrestre pelo Ocidente com suas armas, mercadorias, discursos e culturas – eis a principal razão pela multiplicação dos Ulisses pelo mundo fora”. Um destes Ulisses é o Perseu de Antônio Callado que parte para a Inglaterra, tem que defrontar-se com o outro, o paraguaio Facundo e o pesadelo de uma história comum. Em sua disputa com Facundo ele se coloca numa constante dialética que servirá para definir o seu papel de futuro escritor frente ao homem de ação.

Ulisses atravessa tão bem as idades e os tempos porque é um símbolo a meio caminho entre a alteridade do passado e a modernidade do presente, entre Europa e o Novo Mundo. A viagem do herói pelo tempo e pela literatura o levará, em última instância, ao reino dos mortos, do ser ao não-ser. O velho Leopold Bloom – de regresso ao lar – sente-se impelido a sair de novo, para uma última viagem de encontro às cidades arquetípicas do Ocidente – Atenas e Jerusalém. Antonio Callado também manda os seus protagonistas – Facundo e Perseu – numa última viagem. A aventura acaba com várias mortes e um único sobrevivente, Perseu. Como o homônimo herói da mitologia, ele só se salvará indiretamente: contará a história dos outros e a própria, a dos mortos e a dos vivos. Eis a última imagem que nos deixa Antônio Callado – a de Perseu escrevendo no seu diário, atrás das grades de uma prisão carioca, um cronista modesto acreditando na memória como única tábua de salvação<sup>24</sup>.

*Albert von Brunn*  
*Professor da Universidade de Zurique*

### *Citações de Joyce*<sup>25</sup>

1. “In and near the ciudad of Buellas Arias” MAH 96 (FW 435)
2. “He was the killingest ladykiller” MAH 97 (FW430)
3. “Mater Mary mercerycordial of the dripping nipples” MAH 119 (FW 260)
4. “High Brazil Brandan’s Deferred, midden Erse clare language, Noughtnoughtnought nein. Assas. Dublire, per Neuropaths. Punk” MAH 120 (FW 488)
5. “Filou! What age is at? It saon is late” MAH 121 (FW 213)
6. “Ada, Bett, Celia, Ena, Fretta, Gilda, Hilda, Ida, Jess, Katty, Lou, Mina, Nippa, Opsy, Poll, Queenie, Ruth, Saucy, Trix, Una, Vela, Wanda, Xenia, Yva, Zulma” MAH158 (FW 147)
7. “from the land of breach of promise with Brendan’s mantle whiteninG the Kerribrasilian sea” MAH 158 (FW 442)
8. “Anna was, Livia is, Plurabelle’s to be” MAH 171 (FW 215)
9. “Culla vosellina” MAH 171 (FW 154)
10. “Lord help you, Maria, full of grease, the load is with me” MAH 171 (FW 214)
11. “All moanday, tearsday, Waildsday, thumpsday, Frightday, shatterday, Till the fear of the Law” MAH 191 (FW 301)
12. “Ireland is the old sow that eats her farrow” MAH 219 (UL 692)
13. “A História é um pesadelo do qual estou tentando acordar” MAH 233; “History, Stephen said, is a nightmare from which I am trying to awake” (UL 42)

## Notas

1. Borges, Jorge Luis. “Evangelho segundo Marcos”. In: *Obras completas*, vol. II. Trad. Hermilo Borba Filho. São Paulo: Globo, 1999, p. 480.
2. Joyce, James. *Finnegans Wake/Finnícius Revém*. Cap. 1. Introdução, versão e notas de Donald Schüler. São Paulo: Ateliê, 1999, pp.15-25.
3. Cf. Nina, Cláudia. “Dublin, personagem joyceana”. In: CULT 3(2000) n. 31, pp. 59-63.
4. Fairhall, James. *James Joyce and the question of history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, pp. 11-39, 243.
5. Callado, Antonio. *Memórias de Aldenham House*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
6. *Ibidem*, pp. 11-13.
7. Viñas, David. “El viaje a Europa”. In: *De Sarmiento a Cortázar: literatura argentina y realidad política*. 2a ed. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1974, pp. 132-199.
8. *Ibidem*, p. 169-170.
9. Callado, Antonio. *Memórias de Aldenham House*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 191. Trata-se da tradução de um trecho do *Finnegans Wake*: James Joyce. *Finnegans Wake*. Ed. Seamus Dane. London: Penguin, 2000, p. 301.
10. Callado, Antonio. *Memórias de Aldenham House*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, pp. 189-190.
11. Joyce, James. “Ireland at the Bar”. In: *The critical writings*. London: Faber & Faber, 1959, pp. 197-200.
12. Callado, Antonio. *Memórias de Aldenham House*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 21.
13. *Ibidem*, p. 54.
14. Callado, Antonio. “O Sonho do Novo Império”. In: *Vietnã do Norte. Esqueleto na Lagoa Verde*. 2a ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977, pp. 126-128. (O Mundo hoje; 25)
15. Cf. Chiavenato, Júlio José. *A guerra contra o Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 73-80. (Tudo é história; 131)
16. Callado, Antonio. *Memórias de Aldenham House*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 234.
17. Forbes, Robert P. “Eliade, Joyce and the Terror of History”. In: *Cross Currents: A Yearbook of Central European Culture* 36(1986), n. 2, pp. 179-192.
18. Maretti, Eduardo. “Fantasma e mitos em Aldenham House”. In: *O Estado de S. Paulo* 28/9/1989, Caderno 2, p. 6.
19. Callado, Antonio. *Memórias de Aldenham House*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 76-77.
20. Callado, Antonio. “Com a pílula, D. Juana liquidou o mito”. In: *Crônicas do fim do milênio*. Org. Martha Vianna. 2a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997, pp. 345-348.



21. Pinto, Cristina Ferreira. “Antonio Callado: a identidade latino-americana da nação brasileira”. In: *La Chispa '97: selected proceedings*. Ed. Claire J. Paolini. New Orleans: Tulane University, 1997, pp. 135-143.
22. Joyce, James. *Finnegans Wake*. Ed. Seamus Deane. London: Penguin, 2000, p. 556.
23. Boitani, Piero. “The Shadow of Ulysses beyond 2001”. In: *Comparative Criticism* 21(1999), pp. 3-19.
24. O autor agradece a Fritz Senn (Zurique) e a Marília Mendes (Lisboa) a valiosa ajuda que tornou possível este trabalho.
25. *MAH*: Callado, Antonio. *Memórias de Aldenham House*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. *FW*: Joyce, James. *Finnegans Wake*. Ed. Seamus Deane. London: Penguin, 2000. *UL*: Joyce, James. *Ulysses*. Ed. Declan Kiberd. London: Penguin, 2000.

### **Resumo**

O meu texto enfoca a relação entre Antonio Callado e James Joyce partindo do último romance do autor carioca, *Memórias de Aldenham House* (1989). Incansável leitor do escritor irlandês desde a sua estadia em Londres (1940-44), Antonio Callado foi em romaria a Dublin antes de voltar para o Brasil. No seu último romance, ele se baseia num ensaio de Joyce sobre o crime de Maamtrasna (*Ireland at the bar*) para construir a figura do paraguaio Facundo Rodríguez em choque permanente com seus patrões ingleses e em contraste com a personalidade acomodaticia do brasileiro Perseu Blake de Sousa, o Don Juan infeliz. Elvira O’Callaghan Balmaceda, suculenta chilena de enxerto irlandês, é a portavoz de Joyce no romance de Callado. Ao traduzir o *Finnegans Wake* para o espanhol, ela introduz na teia do romance uma série de citações joyceanas, quase todas elas referidas a Perseu, o namorado desastrado. Antonio Callado nos oferece em *Memórias de Aldenham House* uma espécie de testamento, onde no limiar entre a Europa e a América ele se encontra com James Joyce para um balanço do século XX.

### **Palavras-chave**

Antonio Callado, *Memórias de Aldenham House*, James Joyce, *Finnegans Wake*, *Don Juan*.

### **Abstract**

My paper retraces the relation between Antonio Callado and James Joyce, starting from the Brazilian writer’s last novel, *Memórias de Aldenham House* (1989), fictionalizing his stay as a BBC correspondent in London (1940-44). Since the early forties, Antonio Callado never stopped reading Joyce and went on a pilgrimage to Dublin before returning to Brazil after World War II. In his last novel, the Paraguayan Facundo Rodríguez – in constant rebellion against his British employers – is put on trial for alleged murder. The Maamtrasna trial, commented by Joyce (*Ireland at the bar*) is used as background motif for this trial. The stern rebel Facundo is opposed to the acquiescent Perseu Blake de Sousa, the unhappy Don Juan. Elvira O’Callaghan Balmaceda, the attractive Chilean of Irish ancestors, tries to translate *Finnegans Wake* into Spanish – a failure. However, by including a series of quotations into the text, she becomes Joyce’s voice, ridiculizing Perseu, the unsuccessful lover. In his *Memórias de Aldenham House*, Antonio Callado left his testament, a text on the threshold between Europe and America where he met James Joyce for an overview about the 20th century.

### **Key-words**

Antonio Callado, *Memórias de Aldenham House*, James Joyce, *Finnegans Wake*, *Don Juan*.